

MEMÓRIAS CRUZADAS: AS IMPLICAÇÕES DA ESCOLARIZAÇÃO NA “ESCOLHA” DA PROFISSÃO DOCENTE

Rosiley A. Teixeira

UNINOVE

rosileyteixeira@uol.com.br

Gilvone Schimitz do Prado

UNINOVE

gilschimitz@gmail.com

Sidney Cabral Lourenço

UNINOVE

sidcalo@hotmail.com

Andréia Oliveira F. dos Santos

UNINOVE

andrea_santtos42@yahoo.com.br

Este artigo é um esboço acerca da escolha profissional de um grupo de professores que, ao discutirem os processos de formação continuada, na disciplina Seminários Temáticos, no Programa de Mestrado Profissional (PROGEPE), reconstruíram caminhos deixados por suas memórias de escolarização até a escolha da profissão.

A proposta surgiu após as leituras dos textos de Hannon (1998) e Charlot (2000) e os textos de Cavalcanti Biotto (2014) e Teixeira (2014) em que retomam suas memórias de escolarização e o tornar-se professor. O trabalho resultou em sete memórias que serão recortadas para que possamos nos aproximar do modo como retratam suas experiências escolares e as opções que fizeram ao longo de suas formações, como sujeitos e profissionais da educação. Na disciplina, a leitura dos textos de Hannon e Charlot buscávamos discutir o processo de humanização e educação. Nesse texto estaremos acrescentando outros autores que, por certo, nos ajudam ampliar o processo.

Hannon (2000) referindo-se em Kant diz que nascer requer necessariamente aprender e o homem não é capaz de fazê-lo sozinho necessitando, assim ser educado.

De outro modo para Charlot (2000) o homem é uma possibilidade um vir a ser,, “como se homem nascesse com seu desenvolvimento inconcluso e devesse ser acabado fora do útero. (...) Não é definido por instintos: define-se ao longo de sua história.” (p. 52). O autor apresenta o inacabado do homem como prematuração, uma face da condição humana, inseparável de sua outra face que diz respeito à possibilidade de sobrevivência humana justamente por esta se dar num mundo que é humano, pré-existente, pré-estruturado, onde cada indivíduo natural torna-se humano ao ‘hominizar-se’ através de seu processo da vida real no âmago das relações humanas (p.52).

“Aprender para viver com outros homens com quem o mundo é partilhado. Aprender para apropriar-se do mundo, (...). Aprender em uma história que é, ao mesmo tempo, profundamente minha, no que tem de única, mas que me escapa por toda parte. Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, que é o mundo, quem são os outros.” (CHARLOT, 2000, p. 53)

Este aprender se dá num sistema em que o sujeito se constrói e ao mesmo tempo é construído pelo outro. Nessa relação complexa, duradoura, nunca completamente acabada, a qual é denominada educação. Nesse sentido, tornar-se homem implica educar-se e em consequência aprender. O fato é que ao levantarem essas questões já estão dizendo que educação não é algo natural, ou seja, não nascemos educados. Que a educação se dá por determinada interferência ou ação externa. Dito de outra maneira, implica dizer que os nossos comportamentos e atitudes individuais e coletivas, nossa natureza humana, foram sendo historicamente adquiridos transmitidos de uma geração para outra, a ponto de podermos dizer que as fases individuais e coletivas da história da humanidade são fundamentais para construção histórica do homem do século XXI.

Norbert Elias em “O processo civilizador”, primeiro volume, de outro modo, constatou que o comportamento humano não é natural e sim forjado pelas relações sociais que estabelece desde seu nascimento. Conforme Elias (1998) entre os séculos XIII-XVIII a sociedade europeia ocidental buscava certo padrão de comportamento que fosse aceitável socialmente. O refinamento dos hábitos que iam desde o costume de comer carne, ao uso de garfo e faca à mesa para as atitudes em relação às funções

corporais foram alguns códigos de comportamento instituídos já no final da idade média e estendidos a inúmeras gerações ao longo do tempo. Tais regras distinguiram um grupo social, e, posteriormente o indivíduo, de outros segmentos e de outras pessoas.

Podemos afirmar assim que, para Elias, o indivíduo desde a infância é condicionado pelo grupo para desenvolver um grau bastante elevado de autocontrole em função das regulações sociais. Estas, por sua vez, vão se sedimentando nas sociedades humanas e configurando grupos e instituições com comportamentos e “habitus” diferenciados e portadores de certo poder diluído numa formação social específica.

O indivíduo através das relações sociais interioriza os sentimentos, paixões, emoções, controles e representações em suas atividades mentais, e depois exterioriza suas representações através de comportamentos, habitus e relações de poder. Desta maneira, pensamento e ação estão interligados no plano individual em função do social. Assim sendo, na medida em que as sociedades vão se tornando cada vez mais complexas e urbanizadas as funções de proteção e controle do indivíduo por pequenos grupos, como a família, vão sendo transferidas para instituições mais complexas, dentre elas a escola.

As sociedades complexas diferentemente das tribais acabam por isolar o indivíduo, para poder educá-lo. Este vive cada vez mais isolado no sentido de batalhar por sua sobrevivência e se defronta com um número crescente de opções, aumentando a possibilidade de individualização pessoal. Isto significa que a suposta liberdade de escolha e autonomia exige de cada indivíduo maior autocontrole consciente ou inconsciente, e assim, tendo em vista a crescente oferta de oportunidade, o processo de individualização carrega marcas de sucessos e insucessos. O poder de escolher por si, entre outras coisas, é exigência que logo se converte em habitus, necessidade e ideal que são avaliados, tanto no sentido positivo, quanto negativo, na escala de valores sociais.

Este movimento, entre a liberdade de escolha e risco de escolha, constitui a estrutura da personalidade e as emoções vividas pelo indivíduo nas sociedades em desenvolvimento, rumo a um nível mais elevado de individualização. Neste sentido, “a abundância de oportunidades e metas individuais diferentes nessas sociedades é equiparável às abundantes possibilidades de fracasso”. Desse modo podemos dizer que o processo de individualização ou subjetivação acontece não mais na família, mas em todo tecido social.

Ninguém escapa a educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela; para aprender, para ensinar, para aprender- e –ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou varias educação? Educações. (ELIAS, 1998, p. 7)

Enguita, preocupado com a inserção dos sujeitos nas relações sociais de produção, nos diz que

“A submissão de homens e mulheres a quaisquer relações sociais de dominação e exploração não é de modo algum espontânea. Depende, em maiores ou menores doses, da coerção direta, da necessidade material ou da interiorização de tais relações como necessárias, justas ou inevitáveis, e normalmente de alguma combinação dos três fatores”(ENGUITA, 1993, p. 208)

Ao longo da história verificamos diversas formas de integração das pessoas nas relações sociais, e temos diferentes instituições a desempenhar diferentes papéis dentre eles a família, o exército e a escola. Pois a passividade [...]. *“é mantida por mecanismos muito díspares que vão desde a repressão pura e simples a inculcação ideológica, passando pelo confinamento da participação social a esfera da política parlamentar.”* Para autor sempre existiu algum tipo de processo preparatório para a integração nas relações de produção, e com frequência alguma outra instituição que não a própria produção foi quem levou a cabo esse processo. (ENGUITA, 1993, p. 215).

Não obstante a educação seja uma prática quase tão antiga quanto à civilização, a escola para educação da infância criada para responsabilizar-se ordenadamente pelo processo de educação do individuo por meio de aprendizagens que permitissem cumprir uma dada função social é uma invenção da sociedade moderna. Pois à escola, ao longo da história, coube não só a transmissão dos conhecimentos socialmente produzidos, considerados relevantes diante do próprio universo do conhecimento, mas principalmente a condução dos comportamentos das crianças, futuros homens de proveito, e ou adaptáveis à sociedade de maneira criativa e autônoma. Desse modo como afirma Brandão

Ninguém escapa à educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela; para aprender, para ensinar, para aprender- e –ensinar. Para saber, para fazer, para

ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou varias educação? Educações [...]. Da família a comunidade, a educação existe difusa em todos os mundos sociais, entre as incontáveis práticas dos mistérios de aprender; primeiro, sem classes de alunos, sem livros e sem professores especialistas; mais adiante, com escolas, salas, professores e métodos pedagógicos.

Ela ajuda a criar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, fazendo passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. Mais, ainda, a educação participa do processo de produção de crenças ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é a sua força.(BRANDÃO, 7 -11)

Assim, as memórias que se seguem refletem de algum modo as discussões empreendidas até então, pois essas nos permitem certa incursão em vivências pessoais, retratando sentimentos que se constroem em meio a negociações familiar e escolar; que dizem daquilo que os transporta de si, no decorrer de suas histórias e o que os outros lhes ofereceram ao longo da construção de suas identidades pessoal e profissional. Textos que pulsam ao retornarem à infância, aos primeiros dias na escola, com encantamentos e medos até então escondidos, histórias de dias e dias de ausência e de superação. Textos recortados com pequenas e grandes conquistas, revelando a paixão pela profissão e o caminho percorrido até ela, levando-nos à conhecer pensamentos, sentimentos, temores e esperanças de pessoas singulares.

Pretendeu-se nesse texto, ante as memórias e narrativas de si, perceber o percurso realizado para se tornarem professores, potencializando-se categorias como: experiências escolares; formação acadêmica, motivos e motivações para escolha da profissão. Com a Narrativa sobre as experiências de escolarização, escolha e formação profissional transformam-se em protagonistas e a partir das escolhas feitas para elaboração de suas memórias, há a possibilidade de revisitar, rever suas histórias e em consequência o modo como se inventam e reinventam.

Histórias de meninos e meninas transformados em homens e mulheres com a participação da família e da escola e educadores, que de algum modo, desenharam suas subjetividades, contribuíram para construção de suas identidades, colaborando também para a escolha profissional – ser professor, educador, formador e transformador.

Pensamos que as narrativas nos permitirão visitar pelas memórias, não só a

construção do ser educador, mas como pouco a pouco, nos apropriarmos dessa profissão, pois

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível - depois, preciso - trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade do ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode realmente ser aprendido pelo aprendiz. (FREIRE, p.55)

Dentre as narrativas, encontramos eixos comuns que vão desde a primeira fase da escolarização; a participação da família nessa fase; o papel dos professores em diversas fases da escolarização, o caminho, até à profissão e, portanto serão esses os elementos recortados das memórias dos autores desse texto e outros alunos que se propuseram o resgate das memórias.

2.

A entrada na escola acontece hoje para grande parte da população, antes mesmo de se completar o primeiro ano; até os anos setenta se dava para maioria da população, na primeira série e anos depois, aos quatro e cinco anos na pré-escola e, se instituíam o primeiro momento de afastamento da casa, da família ou mesmo da mãe, constituindo-se para muitas crianças em sentimento de abandono medo e sofrimento.

Essa questão aparece claramente em dois textos em que os alunos tratam dos primeiros dias na escola, e como afirmamos, nesse grupo, se dá na pré-escola ou no primeiro ano. Esses primeiros dias, embora marcados pela ausência, vêm também assinalados pelo deslumbramento com a escola que lhes parece enorme, fria, apavorante, mas ao mesmo tempo encontram-se marcados pela primeira professora quase sempre doce, bela, e inteligente. Para alguns um personagem retirado de um conto de fadas.

Chegada a tão sonhada 1ª série e junto dela a ansiedade de conhecer a professora. Como será que ela é? Será jovem? Será “velha”? Será boazinha?

Vai gostar de mim? Tantas perguntas que se resumiria em uma só resposta: Professora Neuza. A doçura em pessoa. A dedicação em me ensinar que as letras “r” e “s” não poderiam estar sozinhas no meio de uma palavra com seus respectivos sons, os de “r” e “s” porque eles “sentiam frio”, e dessa forma precisariam do irmão gêmeo para aquecê-lo.[...] A professora Célia, tão bonita, elegante e que nos ensinava a cantar as músicas do Roupas Nova. Depois viriam os próximos anos do ginásio e na 5ª série chegaria o professor de Língua Portuguesa, Luiz Gonzaga de Oliveira (ele fazia questão de falar seu nome completo). Figura inusitada e diferente de tudo o que já tínhamos visto. Ex-padre, primeiro professor do sexo masculino, brincalhão, um motoqueiro que usava terno e gravata com cravo na lapela. Todas essas características em uma pessoa só. Inesquecível! (SANDRA)

Os textos revelam, ainda, todo ritual escolar com suas normas e festas em que as provas, avaliações, notas se fazem presentes. A escola é afeto para alguns e desafetos para outros, mas sempre falada, descrita mesmo que para negá-la ela se faz presente. Na escola, a sala de aula é o espaço da educação, da relação professor e aluno; o lugar da aprendizagem. De horas, dias e anos de confinamento para alguns bons, pois os afasta do perigo ou do abandono da casa ou das ruas. O caminho até a escola é marcado também como o da liberdade e confiança. A família é sempre determinante de sucesso ou insucesso escolar. Pais e mães presentes ou ausentes são sempre citados, pois é como se fossem determinantes ainda que para o bem ou para o mal. Isso fica claro no recorte das memórias de Sidney quando diz

“Não fiz pré-zinho como era chamado, ingressei diretamente na 1ª série (hoje denominado 1º ano do ensino fundamental séries iniciais), com seis anos de idade, estudei em escola pública estadual, localizada na zona norte de São Paulo, mais precisamente no Lauzane Paulista.... No início não gostava de ir para aulas, ficava muito triste em deixar minha mãe em casa. Minha mãe me levava e me buscava todos os dias no portão da escola, eu ia chorando, não via importância de ir pra escola, em algumas situações minha mãe me deixava dentro da escola, ao virar-se, saía correndo atrás dela e em muitas vezes me escondia atrás dos carros estacionados no caminho, e claro no início ainda conseguia enganar lá, porém com o passar do tempo acostumada com minhas escapadas, esperava o portão fechar, assim teria certeza que tinha me deixado dentro da escola. Para amenizar a dor e a falta que ela me fazia, papai então

sugeriu levar uma foto 3X4 da mamãe, assim quando a saudade apertava olhava para a foto que ficava dentro do meu estojo, que era de madeira, com repartições onde a borracha a escondia, assim à sua ausência seria minimizada todas as vezes que ao pegar a borracha visualizava a mamãe.” Isto me trouxe de certa maneira um pouco de tranquilidade e paz, mesmo sabendo que mamãe, não estava presente me confortava vê-la na foto. “Acredito que isto perdurou até a 3ª série do ensino fundamental.”

Sidney em seu recorte histórico percebe com a leitura de Charlot (2000) que o homem nasce prematuro, onde deve ser acabado fora do útero, definindo ao longo de sua história e deve. Entrar em um conjunto de relações e interações com outros homens. Entrar em mundo onde ocupa um lugar (inclusive social) e onde será necessário exercer uma atividade. (p.53). Contudo para Charlot (2000, p. 59), *nascer é ingressar em um mundo no qual estar-se-á submetido à obrigação de aprender. Ninguém pode escapar desta obrigação, pois o sujeito só pode “tornar-se” apropriando-se do mundo.* E conclui dizendo que Não sabia que crescer era perder algo que tanto amamos, para que ir à escola, se o que eu mais queria tinha em casa, o amor e atenção de mamãe. Porém como diz Charlot (2000, p. 59) “*Ninguém pode escapar desta obrigação*”.

Outra discussão interessante, recortamos das narrativas de Clivia quando trata da sua entrada na escola e quanto essa aprendizagem lhe foi difícil, mas fundamental na construção de sua singularidade.

“ Final da década de cinquenta, com sete anos de idade, iniciava a vida oficial de aluna, em um dos mais tradicionais Grupo Escolar Estadual, na época, onde já tinham estudado as duas filhas mais velhas de uma família, com a qual eu vivi, até os meus dezesseis anos de idade. Era fonte de orgulho das famílias que ali tinham seus filhos matriculados, lugar onde, pela primeira vez em minha vida de criança abandonada pelo pai, vivendo de favor (na minha cabeça), em uma família, da qual eu nunca me senti parte, vislumbrei a possibilidade de ser professora e, assim, poder novamente ter a minha mãe comigo, em um lar chamado de nosso. [...] Foi a escola estadual, tradicional e conteudista que me deu a chance de recuperar a minha autoestima (só agora me dei conta), pois as ótimas notas, as medalhas e os diplomas de boa aluna, somados aos elogios das minhas sempre admiráveis professoras, foram decisivos para que eu fosse ganhando um pouco mais de confiança em mim mesma.

Longe de minha mãe (a única família), eu só me lembro de ter sido considerada a mais ignorante das criaturas, em forma de criança. Não que a família, onde morei, me maltratasse ou tivesse qualquer atitude agressiva, direta ou conscientemente, no entanto, certas ações e palavras, que não vêm ao caso serem mencionadas, devem ter se acomodado no meu inconsciente, de forma tão intensa e profunda, que o silêncio e a introspecção foram revelando-se em amargura, tristeza e insegurança. (CLIVIA)

Se para Clivia a aprendizagem se deu pelo difícil e doloroso afastamento da mãe representante e indicativo de família, para Andreia a ausência da mãe se compensou pela presença severa do pai que com conselhos lhe permitiu a conquista da liberdade de ir à escola e se tornar uma boa aluna. O fato é, e podemos observar a grande aprendizagem se deu na superação de barreiras quase que intransponíveis

[...] lembro como se fosse hoje o meu primeiro dia na escola, era a 1ª série do ensino primário, eu estava com 6 anos de idade. Lembro-me de todas as recomendações do meu Pai sobre como me comportar na sala de aula, respeitar a professora, fazer a lição, dentre elas havia, talvez, a mais importante para ele: sempre fazer o melhor e ser a melhor da classe. Segui todas ao pé da letra.

Recordo – me ainda a educação ensinada pelo meu pai, pois já no segundo dia de aula, nós tínhamos, eu e minha irmã de 9 anos, a responsabilidade e autonomia de irmos sozinhas para a escola. Meu pai era muito rígido, sempre estudávamos no período paralelo as aulas [...]. Ele sempre dizia que “as pessoas do mundo poderiam tirar tudo da gente menos nosso conhecimento” hoje eu vejo que estava certo em suas palavras.. (ANDREIA)

Como se verifica nos relatos acima a educação forja o sujeito, o individuo social e coletivo, pois “ *nascer é penetrar nessa condição humana. Entrar em uma na história, a história singular de um sujeito inscrita na história da espécie humana. Entre um conjunto de relações e interações com outros homens*” (CHARLOT, 2000, 53) O homem ao chegar ao mundo já encontra quem já fez e também quem faça algo por ele. Uma vez que o homem por si só não produz conhecimento, necessitando ser moldado e tornar-se o que deve e quer ser. (CHARLOT, 2000)

Para Foucault (2008, p. 310), o problema da instituição das crianças seria um problema pedagógico, cuja questão central seria [...] *como conduzi-las até o ponto de*

serem úteis à cidade, conduzi-las até o ponto em que poderão construir sua salvação, conduzi-las até o ponto em que saberão se conduzir por conta própria [...]. Para entender como a criança passa a ser o alvo de uma série de projetos de “governo”, é importante apontar para o fato de que esta se constitui como preocupação não apenas do governo formal, mas também de inúmeras agências e instituições que têm como propósito tomá-la a seu cargo.

Contudo para Hannoun a criação do homem pelo homem exige responsabilidades. Desse modo, nos faz pensar quais seriam as motivações comuns a todos os professores, o que os mantém professores ou, o que os faz ser professores, assumindo o compromisso de educar. Nesse sentido Hannoun (1998, p.11) apresenta-nos questionamentos importantes como “*qual o sentido da ação do educador? Que adultos serão eles?*” reflexões para as quais não existem respostas imediatas, uma vez que a educação também é apostar.

Para o autor, o que fundamenta primeiramente a ação educativa é a crença ou confiança pelo professor na escolha que o homem fará do próprio homem. Acreditar no homem apesar de nenhuma constatação. A educação formal, aquela pensada e projetada pelo homem se distancia da educação informal, resultado do acaso e das circunstâncias físico-biológicas de sua existência.

Educar, no sentido formal do termo, é recusar a onipotência das determinações biológicas e ambientais como construtoras da personalidade atual e futura do homem e, correlativamente, permitir que este acrescente sua própria marca à construção do seu destino. Pela educação formal exprime sua revolta contra a exclusividade invasora da educação informal. (HANNOUN,1998, p.14)

Assim, a partir da educação formal, num movimento de “revolta libertadora das determinações externas” o homem assume o controle sobre si mesmo, sobre a construção de sua própria história e identidade. Mas esse ato, segundo Hannoun(1998, p. 15)., é cheio de implicações uma vez que agora, não é mais sobre os acasos de um ambiente cego que “cabe decidir fins, objetivos, conteúdos e métodos de educação. É o homem que faz o homem e, desse modo, torna-se responsável pelo homem” (p. 15).

Nesse sentido a “opção” pela profissão docente apontada nas narrativas se dá muito pelas experiências de anos na escola –educação formal- que acontece pela crença

de que escolheram “o reino e não as trevas”. Um pressuposto que passa na e pela superação de muitos obstáculos, mas que avaliam ter valido. Vejamos

Nesta caminhada como professora posso afirmar que: escolhi ser professora e assumo que esta minha escolha vai muito além de “ser professora”, digo, sou completamente professora pois me encanto e me reencanto com cada conquista diária por menos percebida que seja por outrem. Ser docente agrega estar o tempo todo em função do conhecimento em busca da conquista e eu persigo esta conquista em cada escola que trabalho. (IVANA)

Ser professora. De fato não sei ao certo se eu escolhi a educação ou se a educação me escolheu. [...]Assim, prossegui e hoje, olhando para a mulher e professora que me tornei, percebo o quanto o CEFAM contribui para que hoje eu fosse quem eu sou. A troca de experiências, a troca de dificuldades, as marmitas compartilhadas, as viagens pela manhã e ao fim do dia, as tristezas, as alegrias e as infinitas risadas, me moldaram. As leituras, as apresentações, os planos de aulas, os estágios, o nosso desespero com os prazos, provas e apresentações proporcionaram um contato inédito com o mundo da educação, com o encantamento do mundo dos pequenos e a descoberta de nossas próprias potencialidades. [...] Assim, apesar de nunca ter sido um sonho meu ser professora, a aprovação no concurso público colocava diante de mim a possibilidade de um emprego que eu não poderia recusá-lo, uma vez que a crise de desemprego era e ainda é fortemente enfrentada na pequena cidade de Miracatu onde morava. Assim, embora sem saber o que era realmente ser professora, sem ter a menor ideia do que significava ao certo ser professora e da grandiosidade deste papel, aceitei o desafio e contrariando minhas próprias crenças, me tornei professora (GILVANTE)

Sempre fui incentivado pelos meus pais e no serviço pelos meus patrões a estudar, se tivesse boas notas meus patrões propuseram me ajudar a pagar a mensalidade. Assim que terminei meus estudos, prestei vestibular para Odontologia na Universidade de São Paulo (USP), e na antiga Faculdade da Zona Leste (FZL) hoje denominada UNICID, infelizmente não passei no vestibular pela USP, mas fiquei na lista de espera da FZL. Neste mesmo período, prestei o vestibular em Mogi das Cruzes, interior do Estado de São

Paulo, na Universidade Brás Cubas para Biologia, onde fui aprovado e para não ficar sem estudar, já que o próximo vestibular seria no final daquele ano, fiz minha matrícula, mas ainda meu sonho era cursar Odontologia. Com 18 anos completos, iniciei minha grande carreira no Magistério. Este primeiro ano de experiência trabalhando no magistério sem nenhum conhecimento prático de como ser professor me levou a refletir se seria a carreira que iria seguir. Foi passando os anos e o magistério para mim foi tornando minha vida, minha existência e nunca mais pensei e nem prestei vestibular para Odontologia. (SIDNEY)

O vemos acima é homens e mulheres que escolheram educar ou, se formaram para isso, fizeram e ainda fazem seu percurso formativo nessa direção. A confiança na escolha que o homem fará do homem, segundo Hannoun, é o primeiro pressuposto fundamental da educação. É necessário, também, segundo o autor, presumir que a educação leve a superação do estado presente do educando em direção a um estado futuro/posterior considerado como preferível/desejável. Fato que nos parecem evidentes nos recortes acima, pois as certezas pela escolha da profissão nas narrativas, a partir de reflexões tanto individuais e coletivas, permitiram aos protagonistas pressupor que fizeram a escolha certa.

Ademais possuíam e possuem a crença na educação como possibilidade de superação do estado atual em direção a um estado ulterior considerado preferível tanto pelo educador, quanto pelo educando. E talvez por isso os pressupostos apresentados por Hannon (1998) lhes *fale alto* e são usados para fundamentar suas escolhas. Pois se educação é forjar, conformar é também emancipar, libertar e levar os sujeitos da ação educativa a se interpretarem, se decifrarem, e agirem sobre si em relação ao que é desejável, permitido, mas, sobretudo o indesejável, o contestado— a experiência de si.

REFERÊNCIAS

BIOTO-CAVALCANTI, Patrícia Ap. *Memoráveis professoras*. In: TEIXEIRA, Rosiley Ap; BERCELLI, Lúcia de Carvalho Abões. *Memórias de Escolarização e as práticas de subjetivação dos sujeitos*. São Paulo: BT Acadêmica, 2014, p.139-154.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues: *O que é educação*. São Paulo, editora Brasiliense, 2007. Coleção Pimeiros Passos.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber*. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000, p. 51-58

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. O processo civilizador. Vol.1: *Uma história dos costumes*. São Paulo: Jorge Zahar Ed, 1998.

ENGUITA, Mariano. Fernandez. *Trabalho, escola e ideologia*. Marx e a crítica da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Bioplítica*. São Paulo, SP: Martins Fontes. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 39ª ed. São Paulo. Editora Paz e Terra, 2009.

HANNOUN, Hubert. *Educação: certezas e apostas*. Trad. Ivone C. Benedeti. São Paulo: Fundação Editada da UNESP, 1998.

TEIXEIRA, Rosiley Ap. *Memórias de Escolarização e as razões improváveis de sucesso escolar*. In: TEIXEIRA Rosiley Ap; BERCELLI, Lígia de Carvalho Abões. *Memórias de Escolarização e as práticas de subjetivação dos sujeitos*. São Paulo: BT Acadêmica, 2014, p.18-36.